

O pioneiro e a sua época

Nada costuma ser julgado de modo mais leviano do que o caráter de um homem. No entanto, não há nada que exija mais cuidados. Em nenhum outro caso se espera menos pelo todo, que é o que, na realidade, define o caráter. Sempre achei que as pessoas supostamente más ganham, enquanto as boas perdem.

GEORG CHRISTOPH LICHTENBERG

Durante um século inteiro, Franz Anton Mesmer, esse herói da moderna ciência da alma, permaneceu sentado no banco dos réus dos fraudadores e charlatães, ao lado de Cagliostro, do conde de Saint Germain, de John Law e de outros aventureiros de seu tempo. Schopenhauer, solitário rigoroso entre os pensadores alemães, protestou em vão contra esse veredito humilhante das universidades, proclamando o mesmerismo como “a descoberta com mais conteúdo do ponto de vista filosófico entre todas as outras, mesmo se ela oferece muito mais enigmas do que resolve”. No entanto, que juízo será mais difícil derrubar do que um preconceito? Maledicências são repetidas irrefletidamente. E assim, um dos mais probos pesquisadores entre os alemães, indivíduo corajoso que fez seu próprio caminho e que, guiado por luz e por fogo-fátuo, indicou uma nova senda à ciência, é visto como sonhador ambíguo, entusiasta que não deve ser levado a sério, sem o menor cuidado de se investigar quantos estímulos importantes e transformadores nasceram de seus equívocos e exageros iniciais já há muito superados.

A tragédia de Mesmer é que ele veio ao mesmo tempo cedo e tarde demais. A época em que ele surgiu é totalmente avessa à intuição – preci-

samente por se orgulhar tanto de sua razão –, é (para citar mais uma vez Schopenhauer) a época “supersábia” do Iluminismo. À penumbra da Idade Média, que intuía de modo respeitoso, porém confuso, acabara de se seguir a superficialidade dos enciclopedistas – dos que tudo sabem, como deveria ser a tradução mais exata da palavra –, aquela ditadura grosseiramente materialista dos Holbach, La Mettrie, Condillac, para a qual o universo era um mecanismo interessante e ainda passível de correção, e o homem, um curioso autômato pensante. Vangloriando-se de não mais lançarem bruxas à fogueira, de declararem a velha e boa Bíblia como um ingênuo livro de lendas infantis e de terem tirado os raios e relâmpagos da mão do bom Deus com ajuda do invento de Franklin, esses iluministas (e seus cambaleantes imitadores alemães) consideravam fantasia absurda tudo o que não pudesse ser fisgado com uma pinça ou provado com a regra de três, varrendo assim também todo e qualquer grão de misticismo de seu universo claro, transparente (e igualmente frágil) do *Dictionnaire philosophique*. O que não podia ser provado matematicamente como função, sua arrogância veloz decretava ser um fantasma; o que não podia ser apreendido pelos sentidos era não apenas inapreensível, mas simplesmente inexistente.

Numa época tão imodesta e ímpia, que apenas endeusava a sua própria razão autossuficiente, surge de repente alguém que afirma que o nosso universo não é de modo algum um espaço vazio e inanimado, um “nada” morto e passivo em torno do homem, e sim constantemente permeado por ondas invisíveis, intangíveis, que apenas a alma consegue sentir, misteriosas perturbações e tensões que a todo momento se tocam e se energizam, de alma a alma, de sentido a sentido. Que, transferido de uma pessoa para a outra, esse fluido desconhecido, essa substância universal, impalpável e, por enquanto, inominada – quem sabe a mesma energia que irradia de uma estrela para outra e conduz sonâmbulos à luz da lua –, pode gerar transformações em caso de doenças psíquicas e físicas, restabelecendo assim aquela máxima harmonia que chamamos de saúde. Que ele próprio, Franz Anton Mesmer, não é capaz de apontar definitivamente a fonte dessa força original, o seu verdadeiro nome, a sua verdadeira essência, chamando esse fluido ativo, provisoriamente e por analogia, de magnetismo. Mas que as

academias e os professores examinassem o efeito surpreendente do tratamento através do simples toque com a ponta dos dedos, investigassem com um olhar livre de preconceitos todas as crises doentias, os estados doentios enigmáticos, as curas quase mágicas que ele, em casos de perturbações nervosas, conseguia gerar unicamente através de efeito magnético (hoje dizemos: sugestivo). Contudo, o Iluminismo professoral das academias se recusa a lançar um único olhar imparcial sobre todos esses fenômenos apresentados e cem vezes provados por Mesmer. Aquele fluido, aquela força de transmissão simpática cuja essência não se pode explicar nitidamente (o que, por si, já é suspeito!), não consta do compêndio de todos os oráculos, o *Dictionnaire philosophique* – portanto, tal coisa não pode existir. Os fenômenos apontados por Mesmer não parecem ser explicáveis pela pura razão. Portanto, não existem.

Franz Anton Mesmer chega com um século de antecedência e, ao mesmo tempo, com alguns séculos de atraso. A medicina, em seus primórdios, teria acompanhado com atenção os seus experimentos extemporâneos, pois a vasta alma da Idade Média ainda acolhia tudo o que era incompreensível. Ainda era capaz do espanto ingênuo e pueril e de crer mais no estremecimento interior do que naquilo que se vê. Era uma época de crença fácil, mas era uma época profundamente pia. Por isso, seus pensadores – os teólogos como os profanos – jamais teriam estranhado ou achado absurdo o dogma de Mesmer de que entre o macrocosmo e o microcosmo, entre a alma universal e a individual, entre o astro e a humanidade, poderia existir um laço transcendental e familiar em substância. Ouso dizer que teriam considerado natural a sua visão de que um homem pode influenciar o outro com poderes feiticeiros através da magia de sua vontade e do procedimento conhecedor. Aquela ciência fausticamente universal teria observado os experimentos de Mesmer sem qualquer desconfiança, com curiosidade, de coração aberto. E é da mesma maneira que a ciência moderna torna a julgar a maioria dos efeitos psicotécnicos desse primeiro magnetizador sem considerá-los miragem ou milagre. Precisamente por sermos surpreendidos a cada dia, a cada hora, por novas incredulidades e novos milagres na física e na biologia, hesitamos bastante e ciosamente antes de tacharmos de

inverídico algo que ontem ainda era improvável, e de fato muitas das descobertas e das experiências de Mesmer se inserem sem a menor dificuldade na nossa atual imagem do mundo. Quem ousaria contestar hoje que nossos nervos e nossos sentidos estão sujeitos a misteriosas condicionalidades, que somos “um brinquedo de cada pressão atmosférica”, influenciáveis, por meio da sugestão, por incontáveis impulsos exteriores e interiores? Afinal, nós, que captamos no mesmo segundo uma palavra falada do outro lado do oceano, não aprendemos todos os dias que nosso éter é permeado de impalpáveis vibrações e ondas vitais? Já não nos assustamos com o pensamento mais polêmico de Mesmer de que nosso ser individual irradia uma energia própria única e determinada que pode influenciar para além dos nervos uma vontade alheia e um ser alheio de maneira quase mágica. Mas foi uma fatalidade: Mesmer veio demasiado cedo ou demasiado tarde, e precisamente a época em que ele teve a infelicidade de nascer carece de uma entidade capaz de uma obscura e respeitosa intuição. É uma época que não permite um claro-escuro nas coisas da alma – quer a ordem acima de tudo e luz sem sombras! Justamente onde o misterioso lusco-fusco entre consciente e inconsciente inicia a sua transição criativa, o olhar frio dessa ciência da razão se revela totalmente cego. E, sem reconhecer a alma como potência criadora e individual, a sua medicina conhece na mecânica do *Homo sapiens* apenas os danos dos órgãos ou um corpo doente, jamais uma comoção da alma. Não admira, portanto, que não conheça outro remédio para suas perturbações do que a bárbara sabedoria dos barbeiros-cirurgiões: purgantes, sangrias e banhos gelados. Os doentes mentais são amarrados numa roda e girados até que a espuma lhes escorra pela boca, ou então surrados até a exaustão. Aos epiléticos se dá todo tipo de remédio, todas as afeições nervosas são simplesmente declaradas inexistentes porque não se sabe como resolvê-las. E, quando esse incômodo marginal Mesmer aparece e consegue amenizar tais mazelas com sua influência magnética – a qual, por isso, parece mágica –, a Academia, indignada, desvia o olhar e afirma não ter visto nada senão ilusão e fraude.

Nessa desesperada batalha por uma nova psicoterapia, Mesmer está totalmente só. Seus discípulos e colaboradores estão atrasados meio século, ou

um século. Tal isolamento é agravado de maneira trágica pela falta de uma autoestima que possa servir de couraça para esse guerreiro solitário. Pois Mesmer somente pressente a direção, não conhece ainda o caminho. Percebe que está na trilha certa e que, por acaso, está muito perto de um grande e prolífico mistério, mas sabe que não será capaz, sozinho, de decifrá-lo e desvendá-lo por completo. Chocante, portanto, como esse homem, difamado pela falação leviana como charlatão durante um século, pede apoio e ajuda justamente junto aos médicos, seus camaradas. Como Colombo, que antes de sua partida erra de corte em corte com o projeto de seu caminho marítimo para as Índias, Mesmer vaga de uma academia até outra em busca de interesse e auxílio para a sua ideia. Tanto em seu caso como no de seu companheiro de descobertas, há um equívoco na raiz de sua trajetória, pois, totalmente enredado ainda na loucura medieval do arcano, Mesmer acredita que a sua teoria magnética seja a panaceia, a eterna “Índia” da antiga ciência da medicina. Na verdade, sem ter noção, Mesmer encontrou muito mais do que um novo caminho. Como Colombo, descobriu um novo continente da ciência com incontáveis arquipélagos e territórios ainda inexplorados: a psicoterapia. Pois todos os domínios da nova ciência da alma somente hoje descortinados, a hipnose e a sugestão, a Ciência Cristã e a psicanálise, até mesmo o espiritismo e a telepatia estão naquela terra nova que o solitário trágico descobriu sem reconhecer ele próprio que pisava em um continente da ciência que não o da medicina. Outros lavraram seus campos e obtiveram os frutos onde Mesmer semeou. Outros colheram a fama, enquanto seu nome foi enterrado com desprezo na vala comum dos hereges e dos fanfarrões. Seu mundo o processou e o condenou. Agora está madura a época em que os juízes se sentam a seu lado direito.

Retrato

Em 1773, Leopold Mozart relata à mulher, em Salzburgo: “Não escrevi pelo correio anterior porque tivemos um grande sarau musical no jardim da casa do nosso amigo Mesmer na Landstrasse. Mesmer toca muito bem o harmônio de Miss Dewis. É o único em Viena que aprendeu a tocar o instrumento,

e ele possui um exemplar de vidro muito mais bonito que o de Miss Dewis. Wolfgang também já o tocou.” Vê-se que são bons amigos: o médico vienense, o músico de Salzburgo e seu filho famoso. Alguns anos antes, quando, contrariando ordens imperiais, o famigerado diretor de ópera Afligio (que depois terminou seus dias nas galés) se negou a levar aos palcos *La finta semplice*, a primeira ópera do jovem Wolfgang Amadeus, de apenas quatorze anos, o mecenas musical Franz Anton Mesmer, mais ousado que o imperador e a corte, intervém e oferece o seu pequeno teatro de jardim para a ópera alemã *Bastien und Bastienne*. Dessa forma, ao lado de sua outra fama, garantiu para a história o mérito imorredouro de ter apadrinhado a primeira composição operística de Wolfgang Amadeus Mozart. O pequeno Wolfgang nunca haverá de esquecer esse gesto de amizade. Em todas as cartas fala de Mesmer e sempre prefere estar hospedado na casa de seu “adorado Mesmer”. E quando, em 1781, passa uma temporada mais longa em Viena, ruma na diligência dos Correios diretamente da cancela em direção da casa hospitaleira. “Escrevo do jardim de Mesmer na Landstrasse”, começa sua primeira carta ao pai, em 17 de março de 1781. E mais tarde, em *Così fan tutte*, erigiu um monumento bem-humorado para o amigo erudito. Até hoje, e através dos séculos, um alegre recitativo acompanha os versos sobre Franz Anton Mesmer:

*Hier der Magnetstein
Solls euch beweisen.
Ihn brauchte Mesmer einst,
Der seinen Ursprung nahm
Aus Deutschlands Gauen
Und so berühmt ward
In Francia.**

Mas esse singular doutor Franz Anton Mesmer não é apenas um erudito amante das artes e amigo dos homens. É também um homem próspero.

* “Esta pedra magnética/ lhes servirá de prova./ Foi utilizada por Mesmer,/ que teve sua origem/ nas províncias da Alemanha/ e alcançou fama/ na França.” (N.T.)

Poucos burgueses vienenses possuíam então uma casa tão maravilhosa, alegre e animada quanto a da Landstrasse 261, uma verdadeira Versalhes em miniatura às margens do Danúbio. No vasto jardim digno de príncipes, os convidados se divertiam com várias atrações no estilo rococó, pequenos bosques, aleias sombreadas com estátuas antigas, um viveiro de pássaros, um pombal, aquele elegante teatro (que já não existe mais) em que se estreou *Bastien und Bastienne*, um lago circular de mármore que depois, durante os tratamentos magnéticos, testemunhará as cenas mais insólitas e, numa pequena elevação, um belvedere a partir do qual se avista até o Danúbio e o Prater. Não surpreende, portanto, que a animada sociedade vienense, amiga da conversação, goste de se reunir nessa casa; o doutor Franz Anton Mesmer figura entre os burgueses mais famosos desde que se casou com a viúva do conselheiro da corte Van Bosch, dona de mais de trinta mil florins. Conforme relata Mozart, sua mesa está diariamente aberta a todos os seus amigos e conhecidos, bebe-se e come-se às maravilhas na casa desse homem culto e jovial onde não faltam os deleites do espírito. Antes de impressos, escutam-se ali os mais recentes quartetos, árias e sonatas de Haydn, Mozart e Gluck, amigos íntimos da casa, assim como as últimas novidades de Piccinni e Righini. Quem, por outro lado, preferir falar de coisas espirituais também encontrará no anfitrião um interlocutor universalmente culto em todas as áreas. Pois Franz Anton Mesmer, esse suposto farsante, se destaca até mesmo entre os eruditos. Já na época em que – filho de um caçador que servia ao arcebispado, nascido em 23 de maio de 1734 em Iznang, às margens do lago de Constança – segue para estudar em Viena, é um estudioso emérito de teologia em Ingolstadt e doutor em filosofia. Mas isso está longe de bastar a esse espírito irrequieto. Como o doutor Fausto, quer dominar a ciência por todos os ângulos. Assim, ainda cursa direito em Viena para depois ingressar na sua quarta faculdade, a medicina. No dia 27 de maio de 1766, Franz Anton Mesmer, embora já duas vezes doutor *autoritate et consensu illustrissimorum, perillustrium, magnificorum, spectabilium, clarissimorum Professorum*, é promovido ainda a *doctor medicinae*. O lume da ciência teresiana, o mais que famoso professor e médico da corte Van Swieten, assina de próprio punho o seu

diploma de doutor. Mas Mesmer, rico por casamento, não pretende logo transformar em ducados a autorização para curar. Não sente pressa em clinicar, preferindo acompanhar, enquanto *dilettante* sábio, as descobertas mais longínquas da geologia, da física, da química e da matemática, os progressos da filosofia abstrata e sobretudo da música. Ele próprio toca piano e violoncelo e é o primeiro a introduzir o harmônio de vidro, para o qual Mozart compõe então um quinteto. Logo os saraus musicais na casa de Mesmer se tornam os prediletos de Viena, e ao lado do salão musical do jovem Van Swieten no Tiefer Graben, onde Haydn, Mozart e depois Beethoven aparecem sempre aos domingos, a casa na Landstrasse 261 é considerada o refúgio mais seleta da ciência e das artes.

Não – esse Franz Anton Mesmer, homem tantas vezes difamado, que depois foi tão maldosamente rebaixado a marginal da medicina e curandeiro ignorante, certamente não é um homem qualquer. Qualquer um que o encontre logo percebe isso. Em toda parte, esse homem de testa larga chama a atenção pela estatura e pelos gestos imponentes. Quando adentra algum salão parisiense acompanhado do amigo Christoph Willibald Gluck, todos os olhares se voltam curiosos para esses dois germânicos filhos de Enaque, bem mais altos do que a média dos outros homens. Infelizmente, os poucos retratos que se conservaram são insuficientes para reproduzir a sua fisionomia. Seja como for, vê-se que o rosto é harmonioso e bem delineado, com lábios cheios, o queixo redondo e carnudo, a testa bem torneada por cima dos olhos claros e agudos como aço; uma segurança benfazeja irradia desse homem poderoso que alcançará uma idade patriarcal com uma saúde de ferro. Nada mais equivocado, portanto, do que imaginar na figura do grande magnetizador um feiticeiro, uma aparição endemoniada de olhos incendiados e raios diabólicos, um Svengali ou um doutor Spallanzani – ao contrário, o que todos os seus companheiros, unânimes, destacam como sua marca é sua paciência infatigável e inabalável. Mais melancólico do que impetuoso, mais tenaz do que selvagem, o gentil suábio observa atentamente os fenômenos e, do mesmo modo que atravessa um cômodo com passos largos, pesados e desajeitados, em suas pesquisas passa lentamente de uma observação para outra – com vagar, mas inaba-

lável. Não raciocina através de surtos de intuição brilhantes e radiantes, mas através de conclusões incontestáveis. Nenhum argumento contrário, nenhum protesto é capaz de abalar a sua profunda calma. Essa calma, essa tenacidade, essa grande paciência obstinada constituem o verdadeiro gênio de Mesmer. E é só à sua discrição incomumente modesta e à sua natureza despretensiosa e fácil que se deve a curiosidade histórica de esse homem ao mesmo tempo relevante e rico em Viena só ter amigos e nenhum inimigo. Por toda parte se elogiam seus conhecimentos, sua natureza simpática e nada exigente, sua mão e sua mente abertas. “A sua alma é como a sua descoberta: simples, benfazeja e sublime.” Até mesmo os colegas, os médicos vienenses, têm Franz Anton Mesmer na mais alta estima como excelente profissional – naturalmente só até o momento em que ele revela a ousadia de trilhar caminhos próprios e fazer sem a aprovação da Academia uma descoberta que move o mundo. Nesse momento, cessa subitamente a sua popularidade e começa uma batalha pelo “ser ou não ser”.

A centelha decisiva

No verão de 1774, um elegante estrangeiro chega a Viena com sua mulher e esta, acometida por uma súbita cólica estomacal, pede que o conhecido astrônomo Maximilian Hell, um sacerdote jesuíta, confeccione uma pedra magnética que ela possa aplicar na região abdominal com finalidade terapêutica. Pois a ideia de que o ferro magnético possui uma energia terapêutica especial, essa suposição algo estranha para nós, era tida como fato indubitável para a medicina primitiva, baseada na magia e na simpatia. A Antiguidade já se interessava pelo comportamento insólito do ímã – mais tarde designado por Paracelso de “monarca dos mistérios” –, porque entre todos os minerais esse elemento revela características bastante especiais. Enquanto o chumbo e o cobre, a prata, o ouro, o estanho e o ferro comum, sem alma ou vida própria, obedecem apenas à lei da gravidade, esse elemento único e especial entre todos os outros expressa algo como

uma alma, uma atividade própria. Autoritário, o ímã atrai o outro ferro, morto, inerte. Único sujeito entre os objetos, é capaz de expressar algo como uma vontade própria. E involuntariamente o seu comportamento autossuficiente faz supor que ele obedece a outras leis – quem sabe siderais – que não as leis terrenas do universo. Cortado em forma de agulha, mantém seu dedo férreo apontado na direção do polo Norte, guia dos navegantes e dos perdidos: assim, parece conservar uma reminiscência de sua origem meteórica no seio da Terra. Particularidades de tal forma características em um metal não podiam deixar de fascinar, desde sempre, a clássica filosofia natural. E, como o espírito humano tende a pensar constantemente em analogias, os médicos da Idade Média atribuem ao ímã um poder simpático. Durante séculos experimentam se ele consegue erradicar determinadas doenças do corpo humano pela força de atração, assim como faz com fragmentos de ferro. Sempre onde dominam as trevas, o espírito investigador de Paracelso se aproxima com brilho de curiosidade em seus olhos de coruja. Sem hesitação, a sua fantasia volátil, ora lúdica, ora genial, sempre inconstante, transforma a suposição difusa de seus antecessores em patética certeza. Para o seu espírito facilmente inflamável logo se torna claro que, como a energia que age no âmbar (portanto, eletricidade antes de atingir a maioridade), a energia do ímã aponta para a existência de uma natureza sideral, ligada aos astros, em um corpo terreno, adamítico – e imediatamente Paracelso inclui o ímã na lista dos remédios infalíveis. “Tudo o que resultou de meus experimentos com o ímã me permite sustentar clara e abertamente que há nele um altíssimo segredo, sem o qual nada se pode fazer contra várias doenças.” Em outro trecho, escreve: “O ímã permaneceu muito tempo diante dos olhos de todos sem que ninguém tenha pensado se seria possível utilizá-lo para outros fins e se ele possuiria outras forças além de atrair o ferro. Os desprezíveis doutores muitas vezes me jogam na cara que não quero seguir os mais velhos, mas em que deveria eu segui-los? Tudo o que têm falado do ímã é praticamente nulo. Coloquem na balança o que eu disse e julguem. Se eu tivesse seguido os outros às cegas, sem fazer meus próprios experimentos, hoje não saberia mais do que qualquer camponês: o ímã atrai o ferro. Acontece que um

homem sábio deveria se pôr a investigar, e assim descobri que o ímã, além da força visível a todos de atrair o ferro, tem outra, oculta.” Sem hesitar, como era do seu costume, Paracelso ainda dá instruções precisas de como o ímã deve ser utilizado para fins terapêuticos. Sustenta que ele possui um ventre (o polo que atrai) e costas (polo negativo) e que, posicionado de maneira adequada, pode projetar sua energia através do corpo inteiro. E sobre essa forma de tratamento – a qual, de maneira verdadeiramente intuitiva, antecipa a forma da energia elétrica a ser descoberta muito mais tarde – o eterno polemista diz que “vale mais do que tudo o que os gale-nistas ensinaram a vida inteira. Se, em vez de se jactar, tivessem olhado para o ímã, teriam conseguido mais do que com todas as suas falas verborrágicas. O ímã cura os fluxos dos olhos, dos ouvidos, do nariz e dos membros extremos. Dessa maneira, também se curam úlceras, fístulas, o câncer, os fluxos de sangue das mulheres. O ímã ainda resolve rupturas, extrai a icterícia e a hidropisia, como vi muitas vezes na prática; acontece que é inútil mastigar tudo para os ignorantes”. Nossa atual medicina naturalmente não levará muito a sério esse anúncio tonitruante; mas tudo o que Paracelso disse vale para a sua escola como regra e lei ainda durante dois séculos. Assim, além de muitas outras exuberantes tolices da mágica cozinha feiticeira de Paracelso, seus discípulos também cultivam e cuidam respeitosa-mente da teoria da eficácia curativa do ímã. Seu discípulo Helmont e, depois dele, Goclenius, que publicou em 1608 o livro *Tractatus de magnetica cura vulnerum*, defendem apaixonadamente, leais a Paracelso, a potência curativa orgânica do ímã, e assim esse método terapêutico já então acompanha a medicina oficial como uma corrente subterrânea. Um desses partidários anônimos da arte terapêutica simpática deve ter receitado à forasteira viajante aquele ímã.

Hell, o padre jesuíta procurado pela paciente forasteira, é astrônomo e não médico. Nem se importa se o ímã efetivamente exerce um efeito terapêutico em caso de cólicas estomacais ou não. Compete-lhe apenas soldar um ímã numa determinada forma. E ele o faz, ciente de sua missão. Mas relata o caso curioso ao seu amigo, o erudito doutor Mesmer. Este, *semper novarum rerum cupidus*, sempre desejoso de aprender, conhecer e

experimentar novos métodos da ciência, pede ao amigo Hell que o mantenha informado sobre o efeito da terapia. Mal ouviu dizer que as cólicas estomacais da paciente de fato cessaram por completo, visita-a e se espanta com a rápida melhora provocada pela utilização da pedra magnética. O método o interessa. Imediatamente, decide experimentá-lo também. Pede a Hell que confeccione ímãs de formato semelhante e faz experimentos com uma série de outros pacientes, aplicando o aço imantado em forma de ferradura ora no pescoço, ora no coração, sempre sobre a parte do corpo afetada. E, curioso: em alguns casos, para sua própria surpresa, consegue êxitos terapêuticos nunca esperados ou imaginados, principalmente no caso de uma certa srta. Österlin, a qual consegue curar de suas cólicas, e do professor de matemática Bauer.

Um curandeiro ignorante abriria a boca para gritar aos quatro ventos a descoberta de um novo talismã terapêutico: o ferro magnético. Parece claro como água e muito simples: basta aplicar o mágico ferro magnético sobre o corpo do doente em caso de cólicas e convulsões epiléticas, sem se preocupar com o como e o porquê, para que – veja só! – o milagre da cura se complete. Mas Franz Anton Mesmer é médico, cientista, filho de uma nova era que raciocina sobre causas e efeitos. Não lhe basta a simples constatação a olho nu de que o ferro magnético ajudou de maneira quase mágica vários de seus pacientes. Médico sério e competente, que justamente não acredita em milagres, quer explicar a si e aos outros por que esse mineral misterioso é capaz de provocar tantos milagres. Com seu experimento, por enquanto só tem em mãos um denominador da terapia misteriosa: o repetido efeito terapêutico do ímã. Mas para a conclusão lógica ele ainda precisa do outro dado, a justificativa causal. Só então o novo problema estaria não apenas colocado para a ciência como já propriamente solucionado.

Estranho: parece que um diabólico acaso lhe enviou o outro termo da equação. Pois quase dez anos antes, em 1766, o mesmo Franz Anton Mesmer obteve o grau de doutor com uma dissertação insólita, tingida de um certo misticismo, intitulada *De Planetarum influxu*. Sob a influência da astrologia medieval, Mesmer supunha que os astros tinham um efeito

sobre o homem e levantou a tese de que alguma força misteriosa, derramada “pelas vastidões dos céus, influi sobre o interior de qualquer matéria, e que um éter primevo, um fluido misterioso, penetra o cosmo inteiro e, assim, também o homem”. Esse fluido original, esse princípio final, o sábio cuidadoso designou na época de maneira ainda bastante indefinida de *gravitas universalis*, a gravidade geral. É provável que o homem maduro já tivesse esquecido então sua própria hipótese juvenil. Mas, quando, durante o tratamento com o ímã, que, como pedra de meteoro, também provém dos astros, Mesmer vê um efeito tão inexplicável, esses dois elementos – o empírico e o hipotético, a paciente curada pelo uso de um ímã e a tese da dissertação – fundem-se em uma teoria uniforme. Agora Mesmer acredita que sua suposição filosófica se confirmou de maneira irrefutável por esse efeito visível de cura e crê ter encontrado o nome correto para aquela difusa *gravitas universalis*: a força magnética, a cuja atração o homem obedece da mesma maneira que os astros do universo. Portanto, o magnetismo – assim comemora apressadamente seu espírito de descoberta – é a *gravitas universalis*, o “fogo invisível” de Hipócrates, o *spiritus purus, ignis subtilissimus*, o fluxo criador que inunda o éter do universo e a célula do corpo humano! Em sua ebriedade do acaso, Mesmer acredita ter encontrado a tão procurada ponte que une o mundo das estrelas à humanidade. Sente-se orgulhoso e excitado: quem a atravessa com coragem adentra um território desconhecido.

A centelha se incendiou. Um experimento que, por acaso, tangenciou uma teoria provocou a explosão de uma ideia dentro de Mesmer. Mas o primeiro tiro sai numa direção totalmente errada. Em seu entusiasmo precipitado, Mesmer acredita ter encontrado na pedra com ferro magnético o meio universal, a pedra filosofal. Um equívoco, uma conclusão obviamente errada forma o ponto de partida e o fim do seu caminho. Mas é um equívoco criador. Como Mesmer evita segui-lo apressadamente, de olhos fechados, preferindo avançar passo a passo, conforme manda o seu caráter, consegue progredir, apesar do desvio. Ainda haverá de seguir muitos caminhos tortuosos e errados. Mas enquanto os outros, rudes e grosseiros, insistem em seus métodos obsoletos, o solitário doutor prossegue nas tre-

vas, às apalpadelas, avançando lentamente a partir das fantasias infantis e medievais até o ciclo de ideias do tempo presente.

Os primeiros experimentos

Franz Anton Mesmer, até então simples médico e apaixonado pelas belas ciências, possui agora uma ideia que inspira a sua vida – ou melhor: a ideia é que o possui. Pesquisador incansável, até o seu último fôlego perseguirá esse *perpetuum mobile*, essa força motriz do universo. A partir de agora, dedicará toda a sua vida, seus bens, sua reputação e seu tempo a essa ideia. Nessa obsessão, nessa teimosia rígida, porém ardorosa, residem a grandeza e a tragédia de Mesmer, porque aquilo que ele procura – o mágico fluido universal – jamais poderá encontrar com provas claras. E o que ele encontra – uma nova psicotécnica – não buscou e nunca reconheceu durante a sua vida. Assim, vive um destino trágico parecido com o de seu contemporâneo, o alquimista Böttger, que pretende produzir ouro químico durante a sua prisão e por acaso encontra algo mil vezes mais importante: a porcelana. Nos dois casos, a ideia original dá apenas um impulso psicológico importante e é como se a descoberta acontecesse por si mesma durante a experimentação apaixonada.

Inicialmente, Mesmer tem apenas o conceito filosófico de um fluido universal. E tem o ímã magnético. Mas o raio de ação do ímã é relativamente restrito, de apenas algumas polegadas. Isso, Mesmer descobre já em seus primeiros experimentos. Mesmo assim, sua intuição mística não se deixa confundir na crença de que o ímã esconde energias muito mais fortes, latentes, que podem vir à luz com determinados artifícios e ser potencializadas através da aplicação correta. Assim, começa a lançar mão dos artifícios mais curiosos. Em vez de aplicar apenas uma simples ferradura na região afetada, como fizera o jesuíta inglês, aplica dois ímãs no doente; um do lado esquerdo superior e o outro embaixo, à direita, para que o fluido misterioso possa percorrer o corpo inteiro em um circuito fechado, restabelecendo através de fluxo e refluxo a harmonia desequilibrada. Para

multiplicar a sua própria influência, leva colado ao pescoço um ímã dentro de uma bolsinha de couro e, não satisfeito ainda, transmite essa corrente vivificadora a todos os objetos imagináveis. Magnetiza a água, faz com que os doentes se banhem nela e a bebam; magnetiza por meio de fricção xícaras e pratos de porcelana, roupas e camas; magnetiza os espelhos para que reflitam o fluido, magnetiza instrumentos musicais, para que também as vibrações sonoras disseminem a energia curativa. Cada vez mais fanático, encastela-se na ideia fixa de que (como mais tarde se fará com a energia elétrica) a energia magnética possa ser transmitida através de condutores, acumulada em garrafas e coletada em acumuladores. Assim, chega a construir a célebre “cuba da saúde”, o tão ridicularizado *baquet*, um recipiente de madeira com tampa em que duas fileiras de garrafas cheias de água magnetizada correm convergentes para uma barra de aço, a partir da qual o paciente pode aplicar algumas pontas condutoras móveis na região com dor. Os doentes se reúnem em torno dessa bateria magnética, tocando-se respeitosamente com a ponta dos dedos e formando uma corrente, porque Mesmer quer assegurar-se de que a corrente magnética aumenta através da transmissão por vários organismos humanos. Mas não lhe bastam os experimentos com pessoas. Logo começa a incluir neles gatos e cães. Por fim, magnetiza até as árvores em seu jardim e a piscina, em cujo espelho d’água trêmulo os pacientes mergulham devotos seus pés descalços, as mãos presas às árvores por meio de cordas, enquanto o mestre toca em seu harmônio igualmente magnetizado, a fim de tornar os nervos mais dóceis para o bálsamo universal, com os seus ritmos sutis e delicados.

Disparate, farsa e coisa de crianças, diria naturalmente o nosso sentimento atual, indignado ou compadecido, sobre essas práticas extravagantes que, de fato, fazem lembrar Cagliostro e outros doutores da superstição. Os primeiros experimentos de Mesmer – e por que negar? – erram desajeitados e trôpegos pelas selvas das ervas daninhas medievais. A nós, sucessores, naturalmente parece mero absurdo pretender transmitir energia magnética para árvores, água, espelhos e música por meio de simples fricção e querer obter efeitos terapêuticos. Mas, para não pecarmos por injustiça, consideremos imparcialmente o estado da física daquela época. Três novas

forças atiçavam então a curiosidade da ciência, três forças minúsculas, mas que eram verdadeiros Hércules ainda no berço. Graças à marmitta de Papin e às novas máquinas de Watt era possível pressentir a força motriz do vapor e a potente energia do ar atmosférico, que para as gerações precedentes era apenas um nada passivo, um gás incolor e impalpável. Apenas mais uma década, e pela primeira vez um balão elevará o homem acima do solo. Um quarto de século ainda e, também pela primeira vez, um navio a vapor terá vencido outro elemento, a água. Naquele momento, porém, a imensa potência do ar comprimido ou rarefeito só é percebida nas experiências de laboratório. Da mesma forma pequena e reduzida se revela a eletricidade, esse *ifrit*, encerrado então na minúscula garrafa de Leyden. Pois: o que é considerado como efeito elétrico em 1775? O próprio Volta não fez ainda sua observação decisiva, apenas se obtêm algumas inúteis faíscas azuis com umas baterias minúsculas, de brinquedo, e se conseguem transmitir uns choques fracos nas articulações dos dedos. É tudo o que a época de Mesmer sabe sobre a potência criadora da eletricidade, tanto – ou tão pouco – quanto sabe sobre o magnetismo. Não obstante, um surdo pressentimento deve ter pressionado maravilhosamente a alma humana, um pressentimento de que, graças a uma dessas forças, o futuro viria a transformar o mundo, talvez mediante o vapor comprimido, talvez mediante a bateria elétrica ou magnética, assegurando aos mamíferos bípedes o domínio sobre a Terra durante milhões de anos – um pressentimento dessas energias até hoje desconhecidas em sua abrangência, dominadas pela mão humana, que agora inundam nossas cidades com luz, sulcam o céu e transmitem o som do equador aos polos numa fração infinitesimal de segundo. Nesses humildes princípios existem potências gigantescas ainda em germe – é o que sente o mundo, e Mesmer também o percebe. Só que ele, assim como o príncipe do *Mercador de Veneza*, em sua adversidade pega a caixinha errada entre as três e concentra a imensa expectativa da época no mais fraco dos elementos, o ímã. Um erro inegável, mas compreensível em sua época; um erro humano.

O que espanta, portanto, não são os primeiros métodos de Mesmer, a fricção do espelho, o tanque magnetizado. O que espanta, para nós, em

seus processos, é apenas o efeito terapêutico inimaginável que um indivíduo sozinho consegue obter com esse ímã insignificante. Avaliadas à luz da psicologia, porém, mesmo essas curas aparentemente maravilhosas perdem o seu caráter milagroso; pois é provável e certo que desde os primórdios da medicina a humanidade doente tenha se curado através de métodos de sugestão muito mais vezes do que imaginamos e do que a ciência está disposta a admitir. Nunca, na história do mundo, um método terapêutico foi tão paradoxal que não pudesse ter ajudado o paciente durante certo tempo através da crença. Nossos avós e pais foram curados por remédios que no máximo conseguem arrancar um sorriso piedoso da nossa atual medicina, a mesma medicina, por sua vez, cujos procedimentos deverão ser ironizados pela ciência dos próximos cinquenta anos, com o mesmo sorriso. Pois, onde quer que venha a ocorrer uma cura surpreendente, a sugestão tem um papel fundamental. Das fórmulas de esconjuro da Antiguidade até a teriaga e os excrementos de rato cozidos da Idade Média e o rádio de um Valentin Zeileis, todos os métodos terapêuticos de todos os tempos devem uma grande parte de sua eficácia à vontade despertada no próprio paciente, e isso em tão elevado grau que o respectivo veículo dessa fé em sarar, seja ímã, hematita ou injeção, em muitas doenças é quase desimportante em relação à energia que o paciente envia ao medicamento. Portanto, não chega a ser milagroso, mas totalmente lógico e natural que a última terapia descoberta sempre atinja os resultados mais inesperados, porque, por ser desconhecida, desperta o máximo em esperança no paciente. E assim aconteceu também com Mesmer. Mal a notícia do efeito curativo dos seus ímãs magnéticos em alguns casos especiais começa a se disseminar, ela se espalha por Viena e por todo o país. De perto e de longe acorrem os peregrinos até a margem do Danúbio, e todos querem receber a aplicação do milagroso ímã. Magnatas nobres chamam o médico vienense para seus castelos, os jornais trazem matérias sobre o novo método, discute-se, debate-se, elogia-se, difama-se a arte de Mesmer. Mas todos querem experimentá-la ou conhecê-la. Reumatismo, convulsões, zumbidos no ouvido, paralisia, cólicas estomacais, desarranjos menstruais, insônia, dores hepáticas – as mil e uma doenças

até então infensas a qualquer tratamento são curadas pelo seu ímã magnético. Um milagre sucede ao outro naquela casa da Landstrasse 261 onde até agora só reinava a alegria. Menos de um ano depois que aquela forasteira viajante atraiu a curiosidade de Mesmer para o remédio milagroso, a fama do médico até então desconhecido já ultrapassou as fronteiras da Áustria, tanto que os doutores de Hamburgo, de Genebra, das cidades mais distantes pedem que ele lhes explique a forma de aplicar sua terapia magnética supostamente tão milagrosa, para que eles próprios possam continuar suas experiências e, por sua parte, examiná-las cuidadosamente. E – perigosa tentação para a autoestima de Mesmer! – os dois doutores a quem o médico vienense se confia por carta, o doutor Unzer, de Altona, e o doutor Harsu, de Genebra, confirmam em todo o seu conteúdo a fantástica ação terapêutica conseguida com ajuda do ímã segundo o método de Mesmer, e ambos mandam espontaneamente publicar um artigo entusiasmado sobre as terapias mesmerianas. Graças a esses testemunhos tão convictos, Mesmer encontra adeptos cada vez mais apaixonados. Por fim, até o príncipe-eleitor da Baviera manda chamá-lo. O que se manifestou de maneira tão surpreendente em Viena confirmou-se de maneira estupenda em Munique. Ali, a aplicação do ímã causa tanta sensação no caso da paralisia total e da debilidade óptica do conselheiro acadêmico Osterwald que este manda imprimir em Augsburg, em 1776, um relatório sobre a sua cura por Mesmer: “Tudo o que ele conseguiu aqui com as doenças mais diferentes faz supor que ele arrebatou à natureza uma de suas engrenagens mais misteriosas.” Com precisão clínica, o paciente curado descreve o estado desesperador em que Mesmer o encontrara e narra como a aplicação magnética o libertou repentinamente de uma dor antiga que não cedera até então a nenhuma ação terapêutica. E para enfrentar de antemão qualquer possível objeção por parte dos médicos, o sensato conselheiro da Academia escreve: “Se alguém quiser dizer que a história dos meus olhos não passa de pura fantasia, fico tranquilo e não peço a nenhum médico do mundo nada além de que ele consiga me persuadir de que eu me imagine curado.” Sob a impressão desses irrefutáveis êxitos, Mesmer é reconhecido oficialmente pela primeira (e última) vez.